

CHICO XAVIER, O FILME. UM SANTO PARA O NOSSO TEMPO

Chico Xavier, the Movie. A Saint for Our Time.

Chico Xavier, la película. Un santo para el nuestro tiempo.

Luiz Vadico

Escritor e doutor em Multimeios (Unicamp), Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi (SP), autor dos livros Filmes de Cristo. Oito aproximações (2009), O Campo do Filme Religioso. Cinema, religião e sociedade (2015) e Cinema e Religião. Perguntas e respostas (2016). Atualmente desenvolve pesquisas sobre a Hagiografia Filmica e Hierofanias no Cinema.

E-mail: vadico@gmail.com

Resumo

Neste artigo analisaremos o filme Chico Xavier (Daniel Filho, 2010). Verificaremos como o médium é retratado, defendendo a ideia de que o filme se enquadra no gênero Filme Hagiográfico e não na cinebiografia e ou melodrama, como anunciado.

Palavras-chave: Hagiografia. Chico Xavier. Filme espírita.

Abstract

In this article, we analyze the movie Chico Xavier, (Daniel Filho, 2010). We intend to analyse how the Medium is portrayed, defending the idea that the movie fits in the so called Hagiographic movie genre and not in the biopic and/or melodrama, as advertised.

Keywords: Hagiographic Movie. Chico Xavier. Spiritualist Films.

Resumen

Em este artículo, analizamos la película Chico Xavier, de Daniel Filho (2010). Vamos a comprobar cómo se retrata el medium, defendiendo la idea de que encaja en el género de la película hagiográfica y no en la película biográfica y el melodrama, como fue anunciado.

Palabras-claves: Película hagiográfica; Chico Xavier; películas espiritualistas.

1. Introdução

Neste artigo analisaremos o filme *Chico Xavier*, de Daniel Filho (2010). Verificaremos como o médium é retratado, defendendo a idéia de que não se trata de uma cinebiografia como anunciado, e nem de um melodrama, mas de uma hagiografia filmica (filme de vida de santo). E, neste sentido está localizado entre outras produções de tema espírita no Campo do Filme Religioso (VADICO, 2015). Essa questão se impõe, pois não se trata de uma simples personalidade da América Latina, mas de um homem religioso, que se destacou pela exemplificação constante da Doutrina Espírita, tornando-se o seu representante máximo no Brasil. Além disso, desde o início da sua carreira como médium ele foi acolhido pela mídia, ora de forma polêmica, difamando-o, ora de forma positiva e laudatória. A sua presença em jornais, revistas, programas de rádio e Tv, influenciaram a forma como nós brasileiros vemos a mediunidade e o Espiritismo.

A comunicação entre vivos e mortos e a reencarnação, ainda que temas ligados a uma religião minoritária, foram por várias vezes assunto de novelas, peças de teatro, documentários e por fim filmes de grande bilheteria; o que demonstra um interesse popular evidente, se não pela doutrina espírita, pela comunicação entre vivos e mortos e seus desdobramentos.

O Espiritismo, originado na França, em 1857, com a obra *O Livro dos Espíritos* de Allan Kardec, teve aqui bom acolhimento. Ainda que o discurso oficial espírita caminhe em direção parecida ao de Kardec, suas práticas absorveram traços da cultura local. Kardec inclinava-se por uma espécie de laicismo científico/filosófico/religioso, uma filosofia baseada na ciência da comunicação entre vivos e mortos. Por aqui, devido ao trabalho de Bezerra de Menezes (sec. XIX), e de Chico Xavier (sec. XX) entre outros, o aspecto científico foi negligenciado, e se enfatizou o lado fenomênico e religioso adaptado ao cristianismo, com maior proximidade com o Catolicismo.

O médium Francisco Cândido Xavier, foi uma das figuras religiosas mais importantes e influentes no Brasil do século XX. Graças ao seu trabalho ele foi fundamental para a consolidação e divulgação dessa doutrina. Indicado ao Nobel da Paz, tendo psicografado mais de 400 livros, a maioria publicados pela Federação Espírita Brasileira (FEB), Chico

Xavier, após uma existência simples e pobre, como funcionário de uma repartição pública, deixou um grande legado espiritual para o país e para o mundo. Suas obras traduzidas circulam por vários países, tornando-o um dos responsáveis pela reintrodução do Espiritismo na França. Respeitado por todas as confissões religiosas, na tarefa de intermediário entre os encarnados e os desencarnados transcendeu as fronteiras da sua religião. Durante décadas, caravanas de peregrinos seguiam até as cidades de Pedro Leopoldo (MG) e depois Uberaba (MG), desejosos de notícias dos parentes mortos ou apenas para conhecê-lo.

Chamou atenção pela primeira vez com o livro de poemas psicografados *Parnaso de Além Túmulo* (1935), e foi catapultado para os noticiários nacionais a partir do *Caso Humberto de Campos* (1944), no qual a família do escritor processava o médium pelos direitos autorais. Os espíritas perderam a causa, mas isso garantiu notoriedade ao médium.

2. O filme

A produção possui duas linhas narrativas entrecruzadas, a estória da vida de Chico Xavier e o processo de realização do programa televisivo *Pinga Fogo*, do qual ele participou em 1974, na extinta TV Tupi, a maior do país no período. A partir das falas do entrevistado surgem elaborados flashbacks constituindo sua estória passada.

Na construção da forma do filme desde a primeira imagem da abertura somos avisados que veremos “fatos escolhidos”, numa busca de isenção: *A história de um homem não cabe num filme. Não há como dar o devido peso a cada ano vivido, nem como incluir cada evento e cada pessoa que fizeram parte de uma vida inteira. O que se pode é ser fiel aos acontecimentos e à essência da sua trajetória.*

Enquanto acompanhamos no filme o programa de TV, a partir da sala de direção e edição, somos lembrados que edição é isso: construir um discurso com as imagens, um discurso com um sentido (GARDIÉS, 2008, p. 35). Assume-se para o espectador que é um filme e não a realidade, ainda que buscando respeitar a sua “essência”. Isto tende a escamotear a representação final gerada.



Fig. 1: A mesa de edição na TV *Chico Xavier* (Daniel Filho, 2010).

Laura CÁNEPA, em artigo recente, informa que a atual onda de Filmes Espíritas no Brasil se descolou das primeiras produções sobre o tema do início dos anos 70, que possuía traços do Fantástico e do Horror, e que as atuais têm o objetivo declarado de dialogar com os fiéis e curiosos da religião (CÁNEPA, 2013, p. 60). Ela localizou estes novos filmes no Campo do Filme Religioso:

(...) os filmes espíritas brasileiros atuais parecem filiar-se ao campo do filme religioso em seu sentido mais estrito, conforme descrito por Luiz VADICO (2010), autor que aponta as seguintes características para os filmes religiosos, todas elas facilmente encontradas nas produções espíritas nacionais já mencionadas, 1) O tema ou assunto religioso, socialmente reconhecido como tal; 2) A busca de despertar as emoções especificamente ligadas ao mundo religioso, como compaixão, arrependimento, esperança etc., além do desejo de fortalecer a fé dos seus seguidores, ou mesmo despertá-la; 3) Alguma forma de Teologia vinculada, seja por meio de intenções claras ou dos pressupostos teológicos dos seus produtores; 4) A participação de consultores religiosos em sua produção, ou vinculação a instituições de origem religiosa; 5) A intenção da produtora ou do cineasta em fazer um filme que trate do sagrado; 6) A conotação de “produto outro” diferenciado, “puro”, adequado; 7) Garantia da qualidade moral do conteúdo do filme dada pela sua vinculação oficial à religião; 8) Caráter de “militância” (...) (CÁNEPA, 2013, p. 61).

No livro *O Campo do Filme Religioso* (2015), além de conceituar o conjunto de produções midiáticas de assunto religioso, tratamos do gênero hagiográfico, e demonstramos que não

pode ser considerado melodrama e nem cinebiografia, pois a escolha do assunto (religioso) e do protagonista (religioso) termina por produzir e se enquadrar, pelo tema, forma e estrutura narrativa, na hagiografia de origem cristã adaptada às necessidades cinematográficas (VADICO, 2015: p. 173). Abaixo faremos um paralelo entre os elementos de uma Hagiografia filmica e o filme *Chico Xavier*.

2.1. O protagonista. É o Santo ou herói religioso. O retratado deve ser uma pessoa cuja santidade é reconhecida, quer seja pela Igreja, pela devoção popular ou outras instituições religiosas. A devoção popular é a pedra de toque para defini-lo como um herói religioso (VADICO, 2015, p. 184).

Esse filme está plenamente atendido neste quesito, como visto na introdução. Na produção, ao se mostrar infância do médium, ele, menino (Matheus Costa) vê o espírito da mãe (Letícia Sabatella), e é assim distinguido como alguém especial. Não há Anunciação, como num Filme de Cristo, mas essas sequências iniciais têm a mesma finalidade. Em vários momentos ele é cercado por populares devotos, e o caráter de excepcionalidade é acentuado. Possuía devotos em vida, e agora é dado à devoção para o espectador.



Fig. 2: As aparições da mãe, *Chico Xavier* (Daniel Filho, 2010)

2.2. A família e a sociedade como problemas. O protagonista é colocado diretamente em relação com a família, nela se originam a sua fé e seus problemas; eles aparecem inseridos numa coletividade - uma pequena vila, cidade, ou até mesmo um país inteiro -, na qual ocorre um jogo de forças entre os que têm alguma crença e os que não têm.

O santo é alguém cuja ação se dá na sociedade. Além de lutar com suas falhas, dúvidas interiores e incertezas, luta contra adversidades sociais, materiais (riqueza/pobreza), políticas (autoridades constituídas), ou uma mescla das duas. Ele está sempre entre os oprimidos ou a seu favor (VADICO, 2015, p. 184).

Na representação de episódios da infância do médium, vemos Chico sendo maltratado por sua madrinha. Em meio aos problemas relativos à viuvez do pai, seus vários irmãos foram dispersos, e o pai, João Cândido (Luís Melo) luta para reestruturar a família. O seu caráter de pessoa excepcional complica as relações familiares até a idade adulta, na qual Chico Xavier (Angêlo Antônio) é desacreditado pelo pai, pois não evitou a morte do irmão, Emiliano.

2.3. O santo como homem do mundo. Ele é dado à identificação como um homem comum, tem defeitos e dificuldades. Nisso diverge da literatura hagiográfica, na qual os defeitos e vícios não costumam aparecer (VADICO, 2015, p. 186).



Fig.3: Chico histérico, (Daniel Filho, 2010).

Neste quesito, Chico Xavier é localizado em meio a residências humildes, informando-nos suas dificuldades materiais, ele é pobre; cresce ajudando o pai e os irmãos no armazém da família, e por fim se torna funcionário público; luta com dificuldades econômicas para se sustentar. Ele é um homem, e tem defeitos, chegam mesmo a mostra-lo em duas situações de vaidade, a da entrevista aos repórteres falsos e ao resolver utilizar uma peruca para esconder a calvície. Escapa da iniciação sexual preparada pelo pai, levado a

um prostíbulo, como era típico naquela época, organizando uma oração coletiva com as prostitutas. Um dos momentos cômicos do filme mostra-o gritando em pânico quando o avião no qual viajava ameaça cair. Mesmo repreendido pelo seu mentor espiritual, pois deveria dar exemplo de comportamento aos outros passageiros, Chico (José Xavier) continua histérico.

2.4. Momento de conversão. É nele que o protagonista tem revelado o seu papel e missão. A partir daí sua fé em Deus e em sua eleição torna-se inabalável, e inicia a tarefa que se impôs ou foi outorgada por Deus (ou pelos espíritos) (VADICO, 2015, p. 186).

No filme isto é mostrado em dois momentos, quando Chico conhece o grupo espírita local da cidade de Pedro Leopoldo e depois, quando se encontra pela primeira vez com o seu mentor espiritual Emmanuel. Nesse instante a conversão se completa e ele aceita a missão proposta: é chamado a divulgar a doutrina Espírita, e informado que levará uma vida de dor e sofrimento. É chamado à exemplaridade.



Fig. 4: Emmanuel o mentor. Chico Xavier (Daniel Filho, 2010).

2.5. Discipulado. O Santo não realiza sozinho sua missão, amalha amigos, seguidores ou até mesmo discípulos (VADICO, 2015, p. 186). Na produção, primeiramente o irmão do médium o auxilia, posteriormente um sobrinho – que acaba criando dificuldades –, o grupo espírita o acolhe como alguém especial, e centenas de pessoas passam a procura-lo em busca de cura e mensagens; segue fazendo discípulos e crentes até o final do filme, quando por fim convence o

diretor do programa de televisão, Orlando (Tony Ramos), de que recebeu uma carta do seu filho morto, razão de conflitos familiares com a esposa, Glória (Christiane Torlloni), assim resolvidos. Ele faz seguidores.

2.6. O confronto com o Mundo. A hagiografia filmica é um gênero cujo assunto é espiritual e social. A sua história cresce até chegar a um dos momentos climáticos, no qual ocorre o confronto inevitável com o poder instituído – às vezes ocorre um julgamento, prisões, etc. (VADICO, 2015, p. 186).



Fig. 5. *Chico Xavier* (Daniel Filho, 2010).

Daniel Filho nos proporciona vários momentos de confronto com o mundo. O primeiro, quando os repórteres de *O Cruzeiro* fingem ser da imprensa internacional e se esforçam por desmascarar o médium; o segundo, o processo sobre o escritor Humberto de Campos. E de forma indireta, um último julgamento, pois uma psicografia de Chico Xavier termina por libertar um inocente da prisão. O confronto mais importante nasce no seio da sua família, que o convida a se mudar de cidade (Pedro Leopoldo), pois seus membros tiveram suas vidas comprometidas por causa do assédio dos peregrinos. E chega a enfrentar a hostilidade da Igreja Católica local, representada pelo Padre Júlio Maria (Cássio Gabus). Ele enfrenta as instituições e sobretudo a descrença, representada pelo materialismo. (Fig. 9) (Fig. 6)



Fig. 6. *Chico Xavier* (Brasil, 2010), de Daniel Filho – ator: Ângelo Antônio



Fig. 7. *Chico Xavier* (Daniel Filho, 2010).

2.7. A exemplaridade. A exemplaridade do santo é posta à prova por diversas adversidades, estas variam conforme a vida que é narrada. Os fatos mais atraentes são as lutas contra inimigos materializados na aristocracia, no poder e na igreja, ou nas relações pessoais do santo retratado. A maior parte dos exemplos são dados em meio à população ou aos seus representantes (VADICO, 2015, p. 187).

O Chico Xavier do filme é exemplar. É um bom filho, bom irmão, bom católico, bom espírita, modesto, humilde, paciente, resiliente, e possui uma fé inabalável. Auxilia a todos sem se preocupar com bens pessoais ou materiais.

2.8. A mortificação da carne. Tendo em vista a milenar relação cristã com o corpo, e que significou o seu menosprezo em favor da vida espiritual (Corbin, 2010), são perceptíveis nos filmes hagiográficos elementos de sadismo e masoquis-

mo. Desde a tortura física e emocional, até gestos de mortificação, e de despreocupação com o corpo e a aparência física (VADICO, 2015, p. 187).

Chico sofre, primeiro na infância, onde é obrigado a lamber as feridas da filha da sua madrinha; depois através do desgaste do trabalho mediúnico, pois passa a ter problemas de visão. E em idade avançada mostram-no fazendo exames de saúde, pois sacrificava-se psicografando a noite, trabalhando na repartição pública de dia e ainda atendendo a centenas de pessoas no centro espírita. Além de não possuir vida sexual.

2.9. A intervenção do Sobrenatural. É uma necessidade da narrativa, pois para o espectador e instituições religiosas – no que tange ao sagrado – este é um dado definidor. A hierofania, manifestação do sagrado no profano, é a prova do caráter de eleição do protagonista. Assim ganham relevo os efeitos especiais (VADICO, 2015, p. 188).

No filme a intervenção do sobrenatural é uma constante, desde a aparição do espírito da mãe, até a aparição de Emmanuel, fora as outras intervenções menores, que não são representadas visualmente, como no momento em que o menino Chico comunica para o padre a mensagem de um conhecido deste morto havia anos.

2.10. Os efeitos especiais. O cinema tem o poder de dar a ver ao espectador aquilo que só pôde ser experienciado pelo santo. Ele constrói e mostra uma experiência mística (VADICO, 2015, p. 188). Este item analisaremos a frente.

2.11. Diferenças entre Santos e Santas. Há diferenças entre as virtudes e exemplos exibidos por santas e santos. Neste sentido se deve observar as narrativas e o contexto histórico-social da produção cinematográfica (VADICO, 2015, p. 188).

No filme, o protagonista, é um homem e passa por dificuldades tipicamente masculinas, vemos que se recusa à iniciação sexual com prostitutas, exemplificando o respeito às mulheres. Também precisa ajudar a sustentar e manter a família, pois no Brasil de outrora o homem tinha a função de provedor. Isso provoca o confronto com a família que desejava se beneficiar materialmente da sua mediunidade, aceitando doações.

2.12. Função Social. É uma característica importante do Filme de Assunto Religioso o seu papel social, em três quesitos: no confronto entre o Campo Religioso e o Campo do Fílmico, e no reconhecimento social de que se trata de uma produção religiosa e no papel de militância destes filmes (VADICO, 2015, p.189). Além fato da exemplaridade do protagonista. Ele quer afetar a sociedade.

O filme Chico Xavier tem claras funções sociais. Ao tratar do maior representante do Espiritismo no Brasil, atende às necessidades do público espírita e não espírita – típicas do Campo do Religioso –, levando a identificação, fortalecendo a fé e inspirando comportamentos, sentimentos e emoções típicos do sagrado. Possui caráter militante, pois deseja convencer o público em geral da realidade das manifestações espirituais, da comunicação entre vivos e mortos, e do papel do médium nisso tudo. No início do filme, um dado relevante para o movimento espírita, aparecem dois jovens, um deles é chamado para ver o programa na televisão que irá começar, seu nome é Divaldo (Matheus Guedes). O diretor introduz e respalda o médium Divaldo Pereira Franco, conhecido atualmente pela mídia como continuador de Chico Xavier.

No que tange ao público sua função mais importante foi acentuar os aspectos sincréticos na estória. O filme é carregado de elementos estéticos do Catolicismo, como cruzes, santos, igrejas, procissões, rosários, etc. E, ao mostrar Chico como católico praticante, no momento em que pede autorização do padre para se tonar espírita, e ao encerrar o programa Pinga Fogo, orando o *Pai nosso típico* da Igreja Católica (e comum nas sessões espíritas), fica evidente a imagem de *médium católico* ou *católico espírita*. Essa representação, ainda que nascida de fatos reais da vida de Chico Xavier, não condiz com a carreira do médium psicógrafo, que em centenas de livros reafirmou a Doutrina Espírita em todos os quesitos apresentados por Allan Kardec.



Fig. 8. (Daniel Filho, 2010).



Fig. 9. Chico Xavier (Daniel Filho, 2010).

Historicamente os espíritas são minoria no país, e sua maior número de conversos vem das fileiras católicas, fato determinante para a acentuação do seu caráter cristão. Essa interpretação de Daniel Filho o aproxima da maioria Católica, ampliando a identificação entre o público e o representado.

2.13. Imitatio Deus, Imitatio Gênero. Estruturalmente, os Filmes de Cristo e a Hagiografia Fílmica são gêneros que mantêm claro paralelismo estrutural (VADICO, 2015, p. 189). No filme de Daniel Filho este paralelismo é facilmente verificável, como vimos nos quesitos acima.

3. Uma hagiografia fílmica.

Estes são os elementos que o conformam na Hagiografia Fílmica. Agora verificaremos qual sua contribuição para o gênero. No que tange às hierofanias as trucagens e efeitos mais elaborados foram dispensados. Os espíritos parecem pessoas comuns do cotidiano na diégese, e um simples movimento de câmera nos revela que a pessoa não está mais ali, era um espírito e se foi. Há certo esvaziamento do efeito. Algumas das aparições são anunciadas por uma tomada aérea, que se inicia no céu e busca pelo menino ou pelo homem Chico Xavier e termina por se concretizar num encontro sem sustos.

A economia de efeitos vem ao encontro da naturalidade com que os espíritas veem os fenômenos, esta é quebrada apenas pela trilha incidental (Egberto Gismonti). As manifestações são antecipadas por ruídos sonoros típicos dos filmes de horror, criando estranhamento, mas não assustam e nem horrorizam. A trilha reforça os aspectos católicos do filme, sustentado por uma adaptação da Ave Maria que soa religiosa e caótica, e melodias tradicionais. A paisagem sonora remete a poucos elementos do horror e a muitos do sagrado.

Estruturalmente temos outra contribuição. A narrativa entrelaçada com o programa de televisão é um dado novo, representando hibridação dos meios. Ao mesmo tempo que se pode afirmar que ocorre autoreferenciação da mídia, devemos estabelecer um paralelo: o médium é “meio”, é “mídia”, ainda que seja um corpo vivo, orgânico. Ele está alocado como instrumento (aparelho) num papel de meio de comunicação. O próprio Allan Kardec definia o Espiritismo como a ciência da comunicação entre vivos e mortos no Livro dos Espíritos (1857), originando um manual prático, O Livro dos Médiuns (1858), para informar e disciplinar a prática mediúnica. No filme – e ao longo da vida – várias vezes Chico Xavier reafirmou seu papel de instrumento. Sua pessoa não importava, e sim a mensagem que vinha através dele. Por essa razão sempre doou os direitos autorais para obras sociais. (Fig. 8)



Fig. 10. Chico Xavier (*Daniel Filho*, 2010)

Ao final da produção a *mass media* se reafirma, introduzindo nos créditos imagens do verdadeiro Chico Xavier no programa *Pinga Fogo*, como uma espécie de autenticação, pregação e reafirmação final dos seus valores. A sua estória é contada num filme, e nele se entrelaçam as relações com a mídia, enquanto o próprio Chico Xavier também é um meio de comunicação. A mesma mídia que lhe causara dificuldades é a que preserva viva sua memória. A última mensagem vista na tela é a favor das diversas expressões sexuais. Quem ouve a resposta dada ali, desconhece que a pergunta feita para o médium era a respeito da homossexualidade. Um assunto candente no país nas duas últimas décadas, trazendo assim uma última função social. É um filme da Comunicação e dos seus Meios.

Ainda que o Espiritismo não admita santos, estamos diante de um homem cuja devoção popular se iniciou em vida. A mensagem de paciência, renúncia, resignação, sacrifício e tolerância sobressaem. Todavia, a reencarnação, assunto recorrente nas obras psicografadas pelo médium, e posto como dogma da Doutrina Espírita por Allan Kardec (1991: p. 105), não aparece em nenhum momento do filme. A ênfase recai na comunicação dos espíritos e na sua mensagem universalista que prega tolerância em todos os níveis. A representação final de Chico Xavier eivada de sincretismo, é a imagem de um homem forjada para atender espíritas e católicos, garantindo a Daniel Filho uma obra sem polêmicas, atraente para todos. O filme Chico Xavier produziu um santo para o nosso tempo, ele é mídia e midiático

Referências bibliográficas

CERINOTTI, A. (2004) Santos e Beatos de ontem e de hoje. São Paulo: Ed. Globo.

CORBINS, Alain (org.) (2010) História do Cristianismo. Para compreender melhor nosso tempo. São Paulo: WMF/Martins Fontes.

CÁNEPA, Laura. Notas para pensar a onda dos filmes espíritas no Brasil in: Rumores, Brasil, v. 7, n. 13, p. 46-64, Jul. 2013. ISSN 1982-677X. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/58931>>. Acesso em: 14 Set. 2015

GARDIÉS, R. (2008) Compreender o Cinema e as Imagens. Lisboa: Texto & Graphia.

KARDEC, A. (1991) O Livro dos Espíritos. Araras: IDE, 73^a. Ed.

VADICO, L. (2015) O Campo do Filme Religioso. Cinema, religião e sociedade. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

VADICO, L. (2011) O Processo de Sacralização do Filme: o produto e o evento. In: Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos. Vol. 13 no. 1 – Janeiro/Abril de 2011. São Leopoldo, Unisinos.

Outras publicações do autor:

VADICO, Luiz. Hagiografia Fílmica - Por que a vida de um santo não é uma cinebiografia. Alceu (PUCRJ), v. 16, p. 166-182, 2016.

VADICO, Luiz. E se Jesus fosse gay, zumbi ou salvo pelo Exterminador do Futuro? Teologia Reflexiva Popular a partir da produção midiática via internet. Animus (Santa Maria), v. 15, p. 312-329, 2016.

VADICO, Luiz Antonio. A Hierofania Fílmica. A representação da manifestação do sagrado no cinema. Triade. Revista de Comunicação, cultura e mídia, v. 3, p. 145-162, 2015.

VADICO, Luiz. 'Por que não se ri de Cristo?' O vídeo Jesus Christ! The Musical no contexto de elaboração de uma teologia reflexiva. Rumores (USP), v. 7, p. 65-82, 2013.

VADICO, Luiz. Novas linguagens, novos 'Cristos'? Hibridações de gênero e estéticas na formação de uma contra imagem de Jesus Cristo. Alceu (PUCRJ), v. 13, p. 71-85, 2013.